

## Memórias de quando o Abib ainda era o Zé Antonio

### Memories of when Abib was still Zé Antonio

Julio C. de Rose<sup>1</sup>, Olavo F. Galvão<sup>2</sup>

[1] Universidade Federal de São Carlos [2] Universidade Federal do Pará **Título abreviado:** Memórias de quando o Abib ainda era o Zé Antonio | **Endereço para correspondência:** Julio C. de Rose – Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, Via Washington Luis Km 235, São Carlos, SP, CEP 13565-905. Brasil | **Email:** julioderose@gmail.com | **doi:** org/10.18761/JADA03323

**Resumo:** Este texto, dedicado ao querido José Antonio Abib, fala de nossas memórias de quando o conhecemos no curso de graduação em psicologia da Universidade de Brasília, num tempo em que ele ainda era conhecido como José Antonio, fazia pesquisa experimental com animais não-humanos, mas já tinha a erudição e o interesse por questões conceituais e filosóficas que eventualmente o transformaram no Abib, pesquisador que publicou trabalhos marcantes e formou alunos brilhantes e contribuiu muito para colocar o Brasil uma posição muito avançada na produção acadêmica sobre filosofia do behaviorismo

**Palavras-chave:** Abib, Universidade de Brasília, Filosofia, Behaviorismo.

**Abstract:** This text, dedicated to our dear José Antonio Abib, recovers memories from when we met him at the undergraduate program in psychology at the University of Brasilia, when he was still known as Zé Antonio, conducted experimental research with non-human animals, but already had the erudition and interest on philosophical and conceptual issues that eventually matured in the Abib, a researcher who published remarkable books and articles and trained brilliant disciples and contributed to turn Brazil into what is possibly one of the most advanced center of the philosophy of Behaviorism in the world.

**Keywords:** Abib, University of Brasilia, Philosophy, Behaviorism.

Nós chegamos ao curso de graduação em psicologia da Universidade de Brasília (UnB) em 1971, depois de ter passado no ano anterior pelo “básico”, que era o primeiro ano comum dos cursos da área de ciências biológicas: medicina, biologia e psicologia. O primeiro ano, embora comum, era na verdade voltado para a medicina, o curso que a maioria dos alunos queria fazer. Nós éramos dissidentes e queríamos psicologia e, então, foi só no segundo ano que chegamos mesmo à Psicologia. Estávamos entusiasmados com desenvolvimentos relativamente recentes que transformaram a psicologia em uma ciência natural, de base experimental e sabíamos que o curso de psicologia da UnB era o único curso do Brasil inteiramente voltado para essa abordagem, a análise experimental do comportamento.

Mas esse texto não é para tratar de nós e sim do nosso amigo e colega Zé Antonio. Então o parágrafo anterior tem apenas função de descrever o contexto em que nós o conhecemos. Claro que ele já tinha o nome de José Antonio Damasio Abib mas todos o conheciam como Zé Antonio. Ainda estava distante o tempo em que ele seria o Abib, eminente filósofo da análise do comportamento. Aquele tempo em que conhecemos o Zé Antonio vai ficando cada vez mais distante. Agora todos os analistas do comportamento brasileiros, assim como muitos filósofos e psicólogos de outras correntes de pensamento, conhecem o Abib e o número dos que conheceram o Zé Antonio vem diminuindo. Por isso, pensamos em contribuir para esse volume tão oportuno em homenagem ao Abib compartilhando as nossas lembranças de quando ele ainda era o Zé Antonio.

Lembrança, ou “memória”, termo usado por muitos psicólogos, é uma matéria complexa e traiçoeira. Analistas do comportamento não gostam do termo memória. Na psicologia o termo costuma ter o significado de um local onde se guarda alguma informação, que pode ser recuperada quando se necessita dela. Ou memória pode significar também o processo mental de armazenar e depois recuperar informações neste local. Analistas do comportamento preferem falar de “comportamento de lembrar”, mas temos que admitir que esse comportamento é mais estudado pela psicologia cognitiva, mais interessada nos supostos mecanismos de armazenamento e recuperação do que no mero comportamento de lembrar. Mas isso não quer di-

zer que as pesquisas da psicologia cognitiva não tenham nada a nos dizer sobre o comportamento de lembrar. Um de nós assistiu, na reunião anual da *Association for Behavior Analysis* de 2021, realizada online por causa da pandemia, uma apresentação da famosa pesquisadora cognitivista Elizabeth Loftus, uma conferência que, paradoxalmente, fez parte da série de *B. F. Skinner Lectures*. Não sabemos exatamente porque uma cognitivista foi convidada para uma *Skinner Lecture* sobre memória, mas nosso palpite é que as pesquisas de Loftus têm muito a dizer sobre o “comportamento de lembrar”. Para ela, memória não é armazenar e recuperar uma cópia de um evento ou informação. Loftus compara a memória a uma página da *Wikipedia*: cada vez que uma memória é “recuperada”, isto é, cada vez que ocorre o comportamento de lembrar, a lembrança pode ser alterada por novas informações ou elementos do contexto em que o lembrar ocorre: o comportamento de lembrar não apenas não produz uma cópia do evento como também pode alterar nossa próxima lembrança do evento. Mas não nos interessa dissertar sobre as interessantes ideias de Loftus sobre memórias e falsas memórias. Mencionamos isso apenas para acautelar o leitor para o fato de que, cerca de 50 anos depois de termos conhecido o Zé Antonio, não podemos garantir que nosso comportamento de lembrar dele seja inteiramente acurado. Essa é uma das razões pelas quais escrevemos juntos, tentando verificar nossas lembranças e aumentar nossa acurácia.

E à medida em que foram ficando tão distantes no tempo, as nossas memórias do Zé Antonio foram não apenas perdendo a nitidez mas também se misturando com memórias de outras pessoas daquela época e também com as memórias mais recentes dele, do tempo em que ele foi se tornando o Abib, uma figura dominante na Filosofia do Behaviorismo. Se fôssemos cognitivistas diríamos que em algum lugar recôndito das nossas mentes ainda estão guardadas memórias do Zé Antonio do tempo em que era aluno de graduação da UnB, frequentemente usando um casaco escuro, porque Brasília podia ser um lugar bem frio antes do Aquecimento Global, ainda mais para alguém como o Zé Antonio, que tinha vindo da Bahia.

A psicologia da UnB naquela época ainda não tinha se instalado no chamado Minhocão, como

era apelidado o grande edifício do Instituto Central de Ciências, com cerca de 700 metros de comprimento, que ainda estava em construção. Apenas a Ala Sul do Minhocão era utilizada e tivemos aulas lá, principalmente durante o primeiro ano, mas o Departamento de Psicologia ficava em um edifício de dois andares, a quase quinhentos metros a oeste do Minhocão. No andar de baixo ficavam laboratórios e a sala onde tínhamos a disciplina de Psicologia Geral e Experimental (o então famoso PGE), com 10 câmaras experimentais para estudo de comportamento operante, e no andar de cima ficavam a secretaria e salas de docentes. Havia algumas salas que os alunos podiam usar e muitos alunos estavam sempre lá. O Zé Antonio era um desses alunos que estavam sempre lá. Outra pessoa que também estava sempre lá nos disse que, quando começou a frequentar o prédio da psicologia, sempre encontrava o Zé Antonio lá quando chegava de manhã cedo e ele ainda estava lá quando ela saía no fim da tarde, de modo que ela pensou que ele fosse o zelador do prédio. Mas ele era um aluno, não o zelador, um aluno que tinha entrado em 1968, três anos antes de nós chegarmos ao Departamento. E ele não era qualquer aluno porque mesmo sendo ainda “apenas” o Zé Antonio, já havia nele bastante do futuro Abib.

A UnB tinha sido um experimento educacional revolucionário, que foi depois contido pela truculência da ditadura militar. Mas é provável que alguma coisa da UnB inicial ainda persistisse em alguns nichos, e que a psicologia fosse um desses nichos. A aprendizagem acontecia nas aulas mas talvez acontecesse principalmente nas conversas informais que ocorriam nos laboratórios, nos corredores e no segundo andar do prédio do Departamento. As ideias circulavam e até mesmo borbulhavam (se permitirem mais uma metáfora mentalista). Aprendíamos conversando com os professores e com os outros alunos e, entre estes, principalmente com o Zé Antonio. Com ele, colega mais antigo que logo se tornou grande amigo, conversávamos sobre conceitos, métodos, experimentos, as razões pelas quais a abordagem comportamental era superior às alternativas. Já naquela época a erudição dele era admirável e ele nos esclarecia não apenas sobre análise do comportamento mas também sobre outras abordagens e correntes de pensamento. Ele não

foi oficialmente nosso professor, mas poucos nos ensinaram como ele.

Já que estamos falando de memórias, pode ser importante lembrar de uma figura que nós não conhecemos mas continuava presente na psicologia da UnB pela influência que tivera sobre muitos professores e também sobre o Zé Antonio. O Prof. Robert Berryman tinha ido há alguns anos para a UnB, indicado por Fred Keller, e não acompanhou os 223 professores que se demitiram em 1965, em protesto contra a interferência da ditadura militar na universidade. Berryman permaneceu na UnB até o ano anterior à nossa entrada na psicologia. Ele havia trabalhado na Universidade de Columbia e, em parceria com William Cumming, publicou vários artigos que mudaram a compreensão sobre o desempenho de matching to sample, antecipando algumas das noções introduzidas mais tarde por Murray Sidman: ao propor que o estímulo-modelo no matching-to-sample exerce uma função “instrucional”, pode-se dizer que Cumming e Berryman anteciparam a noção de contingência de quatro termos que posteriormente foi introduzida por Sidman. Na UnB, Berryman supervisionou vários alunos que fizeram mestrado com trabalhos experimentais e depois se tornaram professores. Um deles, que teve muita influência sobre nós, foi Vivaldo Reis Filho, que depois se tornou colega de um de nós na Universidade Federal do Pará. Vivaldo era um que nos falava ocasionalmente da influência de Berryman. Outro que também falava bastante sobre o que tinha aprendido com Berryman era o Zé Antonio.

Galvão (2006) reuniu outras “memórias” da época em que nos graduamos na UnB, onde se mostra a diáspora de 1972, quando o reitor da UnB, Capitão da Marinha, demitiu diversos professores do departamento, alguns dos quais se mudaram para a Universidade Estadual de Londrina, para onde foi, também, o recém-formado Zé Antonio.

Berryman havia criado, na UnB, um ambiente propício à investigação experimental e para uma condição necessária para o trabalho experimental fecundo, que é a formulação de perguntas e o desejo de buscar respostas para elas por meio da experimentação rigorosa. Pelo que sabemos, o Zé Antonio, quando veio para a UnB, já tinha um grande interesse em filosofia, mas Berryman e tal-

vez também o Vivaldo, devem tê-lo atraído para a pesquisa experimental. No tempo da graduação na UnB, apesar de não desconsiderar a reflexão conceitual e filosófica, o interesse principal do Zé Antonio era o laboratório e mesmo quando fez o mestrado na USP de São Paulo, orientado, como os dois autores destas memórias, por Carolina Bori, ele fez um trabalho experimental, com pombos como sujeitos, intitulado “Redundância de estímulos versus contiguidade temporal entre estímulo composto e reforço primário no estabelecimento da função reforçadora condicionada” (Abib, 1980). Era um problema experimental e conceitual que já interessava o Zé Antonio durante a sua graduação: se a mera contiguidade temporal com o reforço primário era suficiente para um estímulo adquirir função reforçadora condicionada ou se para isso era necessário que o estímulo fosse informativo sobre o reforço primário, o que implicaria que um estímulo redundante não iria se tornar reforço condicionado mesmo ocorrendo em contiguidade com o reforço primário. Esta pesquisa foi publicada na revista *Psicologia*, periódico que existiu por alguns anos por iniciativa de Carolina Bori, Maria Amelia Matos e alguns pós-graduandos da psicologia da USP.

Mas em 1979, quando estava terminando o mestrado, Zé Antonio assumiu o posto de professor da UFSCar, no Departamento de Fundamentos Filosóficos e Científicos da Educação, conhecido pela divertida sigla de DEFUCIFE. Ali conviviam, nem sempre amigavelmente, psicólogos, sociólogos, antropólogos, filósofos, etc. Um dos filósofos era o famoso e respeitado Bento Prado Jr., que se aproximou dos psicólogos promovendo, em conjunto com alguns deles, seminários que deram origem ao livro *Filosofia e Comportamento*, publicado pela Editora Brasiliense (Prado Jr., 1982). Acreditamos que foi nesse livro que começou a aparecer o Abib que agora conhecemos, publicando um capítulo intitulado “Skinner, materialista metafísico? Never mind, no matter” (Abib, 1982). Neste texto, já no instigante título, começa a aparecer o grande comunicador de ideias pela palavra escrita, que se tornaria evidente nos seus muitos livros e artigos, apresentando e defendendo de forma clara os pontos de vista propostos, sempre recorrendo à história do pensamento sobre o tema. A partir daí, o Abib

foi fisgado pela Filosofia e não precisou mais voltar ao laboratório. Isso ficou claro alguns anos depois quando o DEFUCIFE implodiu, ou explodiu, dividindo-se em departamentos de Psicologia, Ciências Sociais e Filosofia. Provavelmente foi Bento que atraiu o Abib para o recém criado Departamento de Filosofia, um departamento que tinha a proposta de focalizar a Filosofia da Psicologia e criou uma pós-graduação nesta área. Foi aí que o já então Abib orientou vários alunos brilhantes que, junto com o mestre, promoveram um grande crescimento na reflexão filosófica sobre Behaviorismo.

Mas não se pode pensar que o Zé Antonio, fazendo pesquisa experimental com ratos e pombos, desperdiçou tempo que poderia ter sido usado com maior proveito pelo Abib filósofo. O próprio Bento Prado costumava contar que o antigo líder da área de filosofia na USP, o filósofo francês Gilles Gaston Granger, havia recomendado a ele, assim como a vários outros interessados em cursar Filosofia, que antes fizessem uma graduação em uma área científica, qualquer uma, e só depois buscassem uma pós-graduação em filosofia. Se considerarmos essa perspectiva, não dá para separar o Zé Antonio e o Abib: o primeiro preparou o segundo, deu a ele a base científica necessária para sua marcante atuação como filósofo da ciência. Distinguir o Zé Antonio do Abib é, claro, só um recurso retórico para focalizar a época em que tivemos o privilégio de nos tornar amigos dele e aprender tanto com ele. Estamos nos referindo à mesma pessoa, o José Antonio Damasio Abib, que numa fase inicial, em que era mais conhecido como Zé Antonio, adquiriu o profundo domínio de uma área científica que lhe permitiu, numa fase posterior, se tornar o Abib que conhecemos hoje, que pelos seus livros e artigos e pelos alunos que formou, contribuiu muito para colocar o Brasil uma posição muito avançada na produção acadêmica sobre filosofia do behaviorismo.

## Referências

- Abib, J. A. D. (1980). Redundância de Estímulos versus Contiguidade Temporal entre Estímulo Composto e Reforço Primário no Estabelecimento da Função Reforçadora Condicionada. *Psicologia*, 6, 57-112.
- Abib, J. A. D. (1982). Skinner, materialista metafísico? Never mind, no matter. Em B. P. Júnior (Org.), *Filosofia e Comportamento*, pp. 92-109. São Paulo: Brasiliense.
- Galvão, O. F. (2006). Incorporando Conceitos e Descobertas à Análise do Comportamento. Tese de Professor Titular. Manuscrito. Belém, PA, 129 páginas.
- Prado Jr., B. (Org.)(1982). *Filosofia e Comportamento*. São Paulo: Brasiliense.

### Histórico do Artigo

Data do Convite: 10/08/2022

Recebido em: 07/12/2022